

Mal-estar e sociedade: a drogadição em questão**Malaise and society: the drug addiction in question**

DOI:10.34117/bjdv6n11-183

Recebimento dos originais: 07/10/2020

Aceitação para publicação: 10/11/2020

Daniele Evelin Viana Pinheiro

Psicóloga de formação. Psicanalista clínica. Diretora e Coordenadora do Centro de Estudos Freudianos de Belém (Café & Psicanálise).
Endereço: Rua Tiradentes, 19. Belém-PA.
E-mail: danipinheiro_@hotmail.com

Jéssica Samantha Lira Da Costa

Doutoranda em Psicanálise – teoria e clínica; Mestre em Psicanálise – teoria em clínica. Professora Auxiliar I e Coordenadora adjunta do curso de Psicologia da Estácio Belém. Sócia-proprietária do Centro de Estudos Freudianos Belém (Café & Psicanálise).
Endereço: av. Governador José Malcher, 1458. Belém-PA.
E-mail: jessica.s.lira@hotmail.com

Julliana Morgado Rocha

Mestra em Cuidados Paliativos. Gerente de serviços sociais na APAE Belém.
Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, nº 413. Belém-PA.
E-mail: jullianamorgado@hotmail.com

RESUMO

Quando se aborda a questão do mal-estar na cultura, um dos assuntos que estão sempre em voga é o problema das drogas e suas consequências para a sociedade. Dentre as costumeiras polêmicas, uma se apresenta como principal: legalizar ou não o consumo de entorpecentes? O que, porém, pouco parece vir sendo apresentado são discussões que enfatizem o papel do sujeito nesta cena. Foi a partir da constatação dessa deficiência em se olhar o sujeito adicto como protagonista que determinadas questões começaram a surgir, mobilizando a presente pesquisa. Por exemplo: o que faz com que um sujeito se torne adicto e outro não? Nestes termos, nosso objetivo aqui aparece como o de compreender, a partir do referencial psicanalítico – particularmente o freudiano - aspectos do uso de determinadas substâncias psicoativas como um recurso para lidar com o mal estar na civilização, assim como compreender um pouco melhor o mal-estar que a própria temática das drogas gera na sociedade em geral, fazendo com que não seja privilegiada ou debatida como deveria (isto é, para além de medidas redutoras/simplistas, como a internação ou afastamento do usuário de drogas do convívio social). Diante de tal quadro, realizamos um trabalho em um CAPS-AD com pacientes dependentes em álcool e outras drogas e assim percebemos uma espécie de relação intrínseca entre adicção e violência subjetiva, de modo que há um autoflagelamento do sujeito nesta relação. Examinamos que as substâncias tóxicas atuam como forma de afastar o sofrimento que o mal estar cultural provoca ao homem, de maneira que a satisfação libidinal que a droga provoca, afasta o sujeito e o coloca refugiado numa realidade própria.

Palavras-chave: psicanálise; sociedade; mal-estar; drogas.

ABSTRACT

When dealing with the issue of malaise in culture, one of the subjects that is always in vogue is the problem of drugs and their consequences for society. Among the usual controversies, one is the main one: to legalize or not the consumption of narcotics? What, however, seems to be little being presented are discussions that emphasize the subject's role in this scene. It was from the observation of this deficiency in looking at the addicted subject as the protagonist that certain questions began to arise, mobilizing the present research. For example: what makes one subject become an addict and another not? In these terms, our objective here appears as that of understanding, from the psychoanalytic referential - particularly the Freudian - aspects of the use of certain psychoactive substances as a resource to deal with the malaise in civilization, as well as understanding a little better the malaise that the drug issue itself generates in society in general, making it not privileged or debated as it should be (that is, beyond reductive/simplistic measures, such as hospitalization or removal of the drug user from social coexistence). Faced with such a situation, we carried out work in a CAPS-AD with alcohol and other drug dependent patients, and thus we perceived a kind of intrinsic relationship between addiction and subjective violence, so that there is a self-flagellation of the subject in this relationship. We examined that the toxic substances act as a way to put away the suffering that cultural malaise causes to man, so that the libidinal satisfaction that the drug provokes, pushes the subject away and places him as a refugee in his own reality.

Keywords: psychoanalysis; society; uneasiness; drugs.

Não existe uma só sociedade no mundo inteiro onde as pessoas não recorram a algum tipo de *escape* da realidade. O próprio Freud ([1930]2012) disse, em determinado momento, que é impossível que os seres humanos enfrentem as realidades que os cercam sem recorrer a algum mecanismo de fuga dessa realidade, e aí vem questões como embriaguez, fantasia, e vícios em geral. E por que isso? Porque a vida é insuportável de ser vivida, com isso, tentamos modifica-la para que ela fique mais *vivível*, ou seja, mais aceitável. Então, como nos diz Freud, em o mal estar na cultura: **a vida, tal como nos é imposta, é muito árdua para nós, nos traz muitas dores, frustrações e tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de lenitivos. (As coisas não funcionam sem construções auxiliares, nos diz Theodor Fontane).**

O interesse em escrever este trabalho surgiu a partir do contato e do atendimento de pacientes em um Centro de atenção psicossocial álcool e drogas. Nunca antes havia tido contato com esta problemática e a oportunidade em trabalhar por um período com esses pacientes suscitaram em mim questões que ainda estão sem respostas e que, espero encontrá-las realizando pesquisas, trabalhos, discussões como esta aqui que hoje realizamos. Sendo assim, deixo claro, antes de tudo, que o intuito de trazer algumas questões aqui para os senhores é para que assim, possamos discuti-las juntos. Não há, ainda, respostas fechadas e conclusivas com a temática que aqui vos apresento.

Ao sermos convidadas para atender, nos moldes ambulatoriais, pacientes dependentes químicos, fomos antes realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a presente temática, mesmo porque era uma temática que nos era desconhecida teoricamente. E, ao realizar tal pesquisa, pudemos constatar algumas questões:

- 1- Enfoque maciçamente político das questões. Muitos trabalhos preocupados com questões sociais, de segurança pública, questões judiciais e legalistas;
- 2- Poucos trabalhos cujo enfoque seja voltado diretamente e exclusivamente ao sujeito. Ou seja, quem é este sujeito, o que faz com que ele se utilize deste tipo de recurso para lidar com aquilo que lhe aflige. Tendo em vista que uma coisa nós temos que ter noção, até por conta do papel profissional que temos: a droga é uma problemática secundária na vida do sujeito. O sujeito busca refúgio na droga por questões anteriores. E aí nós temos novamente Freud ([1930]2012), em *o Mal estar na cultura*, dizendo o seguinte: **Os métodos mais interessantes para evitar o sofrimento são aqueles que procuram influenciar o próprio organismo. Afinal de contas, todo sofrimento é apenas sensação, existe apenas na medida em que o percebemos. O método mais grosseiro, mas também o mais eficaz de se obter tal influência é o químico, a intoxicação.**

Diante deste quadro, resolvemos começar a pesquisar mais sobre esta questão que aflige o sujeito e de que maneira a psicanálise poderia contribuir com questões concernentes a dependência química, especificamente.

É importante destacar logo de início do que estamos falando quando falamos de *mal estar*, afinal, o tema do trabalho é MAL ESTAR E SOCIEDADE: A QUESTÃO DA DROGADIÇÃO. Pois bem, mal estar é um conceito indubitavelmente psicanalítico e tem a sua acepção taxativamente exposta em *o mal estar na cultura* (1930). De maneira que podemos dizer, em poucas palavras, que a civilização produz o dito mal estar no sujeito ao fazer com que este sujeito desloque-se de sua *natureza* para a ordem *cultural*. Ou seja, se adeque as exigências culturais para viver em sociedade. Só que, como ser pulsional, é impossível que o sujeito se submeta completamente a este imperativo cultural sem que isso lhe cause um mal irremediável, daí o mal estar produzido. Porque é uma eterna luta: pulsão versus cultura (BIRMAN, 2014)

A partir disto, sabendo que um mal estar é inevitável, o sujeito busca lidar com ele construindo maneiras para tentar escapar dele e aí surgem as mais diversas construções, como a que estamos vivenciando aqui neste exato momento. No entanto, existem pessoas que criam determinadas construções que lhes colocam em uma posição de profunda passividade, fazendo que com os objetos que elas tomaram como construções, se tornem os algozes senhores de suas próprias vidas, como, por exemplo, a droga. E nesse ponto, temos aí já o primeiro impasse que eu gostaríamos de dividir: assistindo uma palestra da grande psicanalista Maria Rita Kehl, quem se auto intitula ferrenha defensora da legalização das drogas, a professora Kehl diz exatamente o seguinte: **É preciso que entendamos que o ato de legalizar é mostrar que o sujeito é um sujeito de suas**

escolhas e que ele arque com as consequências das mesmas. Todavia, nesta mesma palestra, a professora Kehl volta a dizer o seguinte: **na hora do encontro com a droga, este objeto apaga a minha questão subjetiva, quase como se você ficasse igual a droga. Ou seja, eu me transformo no efeito desse objeto que adentrou o meu corpo. Não é mais o sujeito, é a droga quem fala por ele.**

E aí, após essas duas sentenças postas pela professora Kehl, uma dúvida reinou de maneira violenta: não é a questão do legalizar ou não que me importa, o que nos importa discutir é este sujeito. Então se ela diz que é necessário que se legalize para que comecemos a tratar sujeitos como sujeitos donos de si, como ela pode dizer que quando o sujeito está adicto ele não responde mais por ele e não é ele quem comanda, mas sim o objeto? Vocês entendem o gigante ponto de interrogação que nos assola? É contraditório, pois é como se delegássemos um papel a alguém que não pode exercê-lo, simplesmente porque está imerso numa sujeição avassaladora.

E aí, temos novamente Freud ([1930]2012) nos mostrando como isso se apresenta no sujeito, diz ele: **no auge da paixão, a fronteira entre o eu e o objeto ameaça desvanecer-se. Contrariando todos os testemunhos dos sentidos, o apaixonado afirma que eu e você são um só, e está pronto a se comportar como se assim fosse.** É exatamente isso que acontece com o sujeito adicto, e isso é algo que escutamos frequentemente, de dez entre dez pacientes que atendemos. Selecionamos um relato de um paciente que muito nos tocou nesse sentido: **“A Senhora não faz a mínima ideia do que é isso. A Senhora pode estudar o tempo que for, pode saber a teoria que for, pode tentar conceituar como quiser, atribuir o diagnóstico que for, mas a Senhora nunca saberá do que realmente se trata a relação de um indivíduo com a droga. Eu não sou nada sem ela, eu não sou uma pessoa sem ela, não posso me dissociar dela, sem ela não existe EU. Ela me acolhe, ela não me julga, ela me aceita. Eu sou ela, ela é EU”.**

Podemos pensar um instante sobre esta premissa que tanto o Freud nos confronta, quanto aos inúmeros sujeitos que nos procuram, nos diversos serviços – públicos ou privados – e entender, por exemplo, que a droga, objeto-droga tem com ele uma promessa, uma promessa à uma demanda que a todo instante emana: tapar um buraco que só faz crescer no sujeito, o buraco da falta. É como se esse objeto, quando elevado à sua última instância, se inserisse da seguinte maneira: “eu bato para que tu te sacies”. Afirmamos isto baseadas, sobretudo, na fala dos pacientes. Novamente: dez entre dez pacientes, relatam que quando estão completamente submersos, passivos à droga, sentem-se indestrutíveis, imortais, completos, nada os falta. O problema é o posterior. O depois sempre vem.

Costa (2005) aponta que as toxicomanias se constroem enquanto sintoma quando o sujeito entra em uma relação tóxica com a droga, ou seja, quando seu consumo passa a ser solução para seus conflitos psíquicos. Assim como sabemos das demais maneiras que são possíveis para tentar sanar questões de conflitos psíquicos. Nesse sentido, o processo de “cura” aposta numa mudança de posição subjetiva, no qual o analista deve abster-se de indicar qual a melhor saída para o sujeito. Diferentemente de outras correntes, para a psicanálise, a indicação de cura não significa abstinência ou não-abstinência, mas sim a escuta do desejo inconsciente. Da mesma maneira que entendemos que não é pela supressão completa do sintoma que levamos o sujeito a algum lugar. Freud ([1897]1996) demonstrou isso desde os primórdios, quando notou que o conflito psíquico não se extinguiu quando ele “retirava” o sintoma através do método hipnótico.

Quando pesquisamos sobre este tema, notamos que a técnica mais utilizada nesses casos – ou seja, com os ditos pacientes dependentes químicos – é a cognitivo comportamental. Lemos, inclusive, através de uma pesquisa séria e bastante comprometida de uma grande jurista brasileira, que nos EUA, mais especificamente na Califórnia, tem-se trabalhado bastante com as técnicas da psicologia cognitiva, por meio da qual foca-se um problema determinado e treina-se o sujeito para que ele consiga conviver com este problema (PASCHOAL, 2011).

A douta Doutora acredita que é possível que tal técnica seja extremamente eficiente com pacientes dependentes químicos e que se possa treinar este sujeito para que ele abandone a droga. Não entendemos desta forma. Justamente por lidarmos com seres pulsionais, sabemos que as coisas não funcionam como se estivéssemos adestrando animais irracionais. Todavia, é interessante notar os esforços mundo a fora e nas mais diversas áreas para o melhor tratamento possível ao sofrimento de pacientes adictos.

Pois bem, seguindo, temos outra questão interessante e que precisamos nos atentar: a NECESSIDADE de não olharmos para este fenômeno e os esforços em tentar encobri-lo, como se fosse uma problemática que não assola toda uma sociedade ou como se fosse algo somente exterior. O que faz com que falas do tipo: *isso é coisa de fracassado; isso é para quem tem a mente fraca; isso é coisa de vagabundo*, entre outras atrocidades, se tornem disseminadas.

Por que é tão insuportável ver no outro o vício ou conviver com o outro que é dependente? Dentre as infundáveis possibilidades, por se tratar de uma questão subjetiva, que poderíamos conjecturar, pensamos em algo que Gurfinkel (2011) disse: **o estigma que acompanha os vícios humanos deve-se, em grande parte, ao horror de ver no outro algo que faz parte da própria natureza humana; afinal, todos estamos sujeitos a ser capturados pelo excesso das paixões.**

Assim sendo, nesse sentido, é só olharmos para a história, da mais distante até a mais atual; nós sempre renegamos aquilo que achávamos estranho, insuportável; então aprisionávamos os doentes mentais, os leprosos, pessoas sem residência fixa, os ditos bruxos e bruxas, enfim, várias possibilidades de pensar como sempre tentamos não lidar com questões que são insuportáveis para a gente, e a questão da dependência química é só mais uma delas.

Ainda hoje, com todo o suposto avanço, nos recusamos a olhar, debater, discutir esta questão, sobretudo quando escutamos discursos como o do presidente das Filipinas que disse que se comparava ao Adolf Hitler e que gostaria de exterminar todos os viciados do seu país. Citamos suas exatas palavras para depois não falarem que houve má interpretação: **"Hitler massacrou três milhões de judeus. Há três milhões de viciados em drogas (nas Filipinas). Eu ficaria feliz em matá-los", disse Duterte. "Se a Alemanha teve Hitler, pelo menos as Filipinas têm..."**, prosseguiu, apontando para si mesmo.

Retomando questões concernentes ao mal estar e a drogadição, no texto *o mal estar na cultura*, temos um Freud mais determinado quanto a relação da humanidade e a civilização. Freud mostra que é justamente o imperativo de gozo a todo custo, que faz com que o sujeito recorra a este objeto chamado droga e que serve como um amortecedor de preocupações. Daí a importância de um texto como o *mal estar*, porque é nele que Freud afirma com todas as palavras que o ser humano está fadado a uma espécie de desconforto em toda a sua existência.

É com Freud, também, que entendemos que aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado de felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades e é apenas um fenômeno episódico. Aqui podemos fazer uma relação com o episódio das drogas, no qual o sujeito quando está completamente submerso a este mundo, é como se estivesse completamente anestesiado, mas é uma anestesia que o usurpa a própria existência. Como assim? Tendo em vista que o existir é lidar também com questões desagradáveis, com sofrimentos avassaladores, e todas aquelas coisas que buscamos evitar: o desprazer. Quando o sujeito está imerso nesta relação com a droga, ele desaparece nessa hora. É muito comum você escutar de pacientes que eles não se lembram de absolutamente nada, não é? Logo depois de passado os efeitos.

É porque na drogadição, momentaneamente, o sujeito desaparece, deixando uma espécie de corpo que funciona, que acolhe a droga, que produz efeitos físicos, efeitos apaziguadores, daquilo que é, afinal de contas, a dor de viver. (KEHL, 2012)

Aqui utilizamos uma citação de Freud em o mal estar na cultura, na qual ele demonstra efetivamente a relação da intoxicação com o desejo do sujeito em aviltar-se do mal estar produzido pela cultura:

Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele [...]. O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois se sabe que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Freud, [1930]2012, p. 86).

Continuando: uma das coisas que devemos ter em mente quando tratamos da questão da drogadição, é que quando falamos de droga, a questão em si, nunca é meramente a droga, muito pelo contrário, a droga é sempre o problema secundário ou até mesmo terciário. Então, por exemplo, uma das coisas que constatamos nos atendimentos públicos (como nos CAPS, por exemplo) são pacientes que são tidos como pacientes AD, mas você investiga só um pouco e constata que a problemática central não é a dependência.

Diante destas questões que foram postas, podemos tentar finalizar, fazendo um aparato geral e acentuar que o ideal a se realizar, tendo em vista o sentido e o significado do objeto droga para cada sujeito, seria entender qual o lugar que este objeto (a droga) tenta aplacar na vida do sujeito. Ou seja, sabendo que a droga é um tipo de satisfação substituta ou, até mesmo, uma espécie de encobrimento de desprazer, o intuito de um atendimento é justamente levar em consideração o que, de fato, estaria por trás. Por que, nesse impasse, o sujeito entraria em uma relação de dependência deste objeto? Percebem? Não questionamos aqui aquilo que não impossibilita o sujeito de existir, efetivamente, mas sim aquilo que o impede de ser. E é quando essa relação se estabelece, relação esta que leva o sujeito a nos procurar ou pedir clemência, que nós devemos agir. De modo que este sujeito que nos procura possa, a partir do uso da palavra/fala encontrar outros meios para enfrentar aquilo ao que nenhum de nós está livre de enfrentar: o mal estar.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

COSTA, Juliana Martins. *Toxicomania: uma forma de existir?* Universidade Federado Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia. Curso de Graduação em Psicologia. Trabalho apresentado como exigência parcial para a aprovação na disciplina de Psicopatologia II, 2005.

FREUD, S. (1930). *O mal estar na cultura*. São Paulo: L&PM, 2012.

GURFINKEL, D. *Adicções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2012.

PASCHOAL, J. *Drogas e crime: algumas das diversas interfaces*. São Paulo: Fiuza, 2011.